

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Juscibete Aparecida Dutra de Abreu

**A IMPORTANCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte

2010

Juscibete Aparecida Dutra de Abreu

## **A IMPORTANCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Iza Rodrigues da Luz

Belo Horizonte

2010

Juscibete Aparecida Dutra de Abreu

## **A IMPORTANCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Iza Rodrigues da Luz

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Iza Rodrigues da Luz

---

Profa. Dra. Isabel de Oliveira e Silva

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa constitui-se em uma proposta de análise sobre a importância do trabalho com a música na Educação Infantil. O trabalho conjugou a pesquisa bibliográfica e a pesquisa empírica, a pesquisa bibliográfica se deu através de estudiosos na área de música e sua importância na vida da criança. A pesquisa empírica foi realizada a partir da execução de um projeto de intervenção realizado em uma UMEI (unidade municipal de Educação Infantil) em Belo Horizonte. A pesquisa teve a duração de aproximadamente 6 meses numa turma de 14 crianças, 7 meninas e 7 meninos de 3/4 anos tendo como participantes as crianças e a professora referência. Experiências sonoras, brincadeiras cantadas, audição de músicas de gêneros variados e confecção de objetos sonoros serviram para analisar a importância do uso da música na Educação Infantil. Os resultados demonstram a importância da música na escola e o quanto ela influencia as crianças na construção da identidade, apropriação e controle do próprio corpo e da autonomia, na relação com o outro.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, música, criança.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>01</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>04</b>
2.1- A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	04
2.1.1- A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	04
2.1.2- A EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE	09
2.2- A MÚSICA.....	14
2.2.1- A MÚSICA E O HOMEM.....	14
2.2.2- A MÚSICA E O CORPO.....	17
2.2.3- A MÚSICA E A CRIANÇA.....	19
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>23</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>28</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>

## 1-INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi desenvolvido com o intuito de investigar de que forma a música contribui para a formação da criança e como o educador pode contribuir na realização desse projeto.

As fontes de conhecimento da criança são as situações que ela tem oportunidade de experimentar em seu dia a dia. Quanto maior a riqueza de estímulos que ela receber, melhor será seu desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, as experiências musicais que permitem uma participação ativa da criança em situações diversificadas podem favorecer um melhor desenvolvimento dos seus sentidos. Ao acompanhar gestos ou dançar, cantar ou imitar sons as crianças desenvolvem o ritmo e atenção e descobrem a capacidade de estabelecer relações com o ambiente em que vive. Daí o interesse em pesquisar sobre esse tema, com o intuito de reforçar a importância da prática musical no cotidiano da Educação Infantil e estabelecer uma integração da escola na realização de práticas que valorizem ações que privilegie este tipo de aprendizado para a criança.

No contexto da Educação Infantil a música é um importante instrumento usado para despertar e reforçar a sensibilidade, da criança, provocar nela reações de cordialidade e entusiasmo, prender sua atenção e estimular sua vontade. Ao se envolverem em atividades musicais, as crianças melhoram a atenção, aprimoram e ampliam suas capacidades de compreensão, interpretação e raciocínio, descobrem sua relação com o meio em que vivem e com os que as rodeiam, desenvolvem a expressão corporal e a linguagem oral.

A música é uma forma de expressão de mundo, e nossas crianças possuem as mais diversas expressões, influenciadas por todos os tipos de cultura que as cercam, a das ruas, da família, dos diversos meios de comunicação.

Diante disso é importante que a escola também apresente opções e participe dessa formação cultural da criança.

As cantigas de roda e as canções folclóricas aguçam o imaginário infantil e tornam o cotidiano escolar mais alegre e leve. Cantar na escola é simplesmente tornar o ambiente feliz, divertido, sonoro. Ouvir bons sons faz bem, relaxa, transmite alegria, e com voz de criança, então, lembra brincadeira, prazer, divertimento.

Segundo Brito (1998) a música na Educação Infantil mantém forte ligação com o brincar. Em algumas línguas como o inglês (to play) e no francês (jouer), por exemplo, usa-se o mesmo verbo para indicar tanto as ações de brincar quanto as de tocar música. Em todas as culturas as crianças brincam com a música.

Esse trabalho terá como foco a influência da música na formação da criança, a partir do envolvimento delas em diversas situações musicais, além da observação diária de suas reações aos estímulos proporcionados pelas ações musicais em brincadeiras, histórias, na recepção delas na escola, como efeito calmante e outras oportunidades proporcionadas pelo professor.

A pesquisa trata ainda da sensibilização da criança na relação com a música, na valorização da expressão corporal e no valor cultural contido nas diversas manifestações musicais.

O trabalho terá início na Fundamentação Teórica, quando no primeiro momento tratará de um breve histórico da Educação Infantil, sua legislação e importância enquanto primeira etapa da Educação Básica, apontada a nível de Brasil e em seguida a nível de Belo Horizonte. No segundo momento será abordada a relação da música com o homem, onde se discutirá a influência da música na vida do homem em diversas situações. Logo após será abordada a relação da música com o corpo, onde é colocada a ligação da música com o movimento e a importância da expressão corporal para as crianças da Educação Infantil. Por último a relação é estabelecida com a criança, ator principal desse trabalho, onde é tratada a importância da música no cotidiano escolar de crianças pequenas e como esta influência na sua formação cognitiva e sócio-afetiva.

Na sequência, o trabalho trará da metodologia utilizada onde será apresentada a pesquisa de campo através dos registros feitos a partir das observações realizadas no processo de execução da pesquisa.

Em seguida acontecerá a análise e discussão de todo material produzido no momento em que se dará os Resultados e Discussões.

Para uma maior explanação do tema colocando as dificuldades e conquistas do trabalho terá as Considerações Finais, seguidas das Referências Bibliográficas.

O tema da presente pesquisa foi traduzido nos objetivos apresentados a seguir:

#### Objetivo Geral

Investigar a presença da música nas práticas pedagógicas e sua importância para a formação da criança.

#### Objetivos Específicos

- Analisar o projeto “Cantarolar” desenvolvido na turma de crianças de 3/4 anos da UMEI;
- Analisar a influência exercida pela música na formação das crianças durante a execução do projeto;
- Relacionar o projeto e a formação das crianças.

## **2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1- A EDUCAÇÃO INFANTIL**

#### **2.1.1- A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL**

Diante da necessidade de sustentar a família ou aumentar a renda familiar, com a industrialização no Brasil, muitas mulheres pobres sentem a necessidade de deixarem o lar por um longo período diariamente para trabalhar. Nesse momento aparece um grande problema, quem cuidaria dos seus filhos durante este período, já que esta função era (e em muitos casos ainda é) exclusivamente da mulher. Surge então, as mães trabalhadoras e com elas, a necessidade de alguém que “tomasse conta” de suas crianças.

É nesse contexto que se dá a Educação Infantil no Brasil, o atendimento era realizado, voluntariamente e sem remuneração, por mulheres, e a única exigência era que já tivessem passado pela experiência da maternidade e/ou que gostassem muito de crianças.

Inicialmente esse atendimento era direcionado à população de baixa renda, sendo o trabalho desenvolvido de cunho assistencial, caracterizado pela ênfase nas ações de cuidado e proteção, preocupada com os aspectos de higiene e alimentação.

Com o tempo essa realidade foi-se modificando, ocorrendo um aumento no número de creches e escolas maternas em todas as classes sociais. Até mesmo mães que não trabalhavam fora começaram a buscar esses espaços de socialização para as crianças.

No princípio do século XX começa surgir os primeiros Jardins de Infância que têm como objetivo a socialização, a brincadeira e a moralização, eram as formas escolares de Educação Infantil mais presentes no atendimento a ricos e pobres.

O processo continua acontecendo com o surgimento das pré-escolas,

voltadas para a dimensão pedagógica de “preparação das crianças para o ensino fundamental”, centrada, especialmente, no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Geralmente, esses estabelecimentos eram instituições privadas particulares e atendiam crianças de um meio mais favorecido tanto do ponto de vista social como econômico.

Assim, as crianças de zero a seis anos eram então atendidas, basicamente, em dois modelos de instituição de Educação Infantil: as creches, que eram destinadas às crianças de baixa renda e cujo objetivo principal era possibilitar assistência e garantir a participação das mães no mercado de trabalho, e, para crianças de um meio mais favorecido, os Jardins de Infância e pré-escolas, que tinham o objetivo de prepará-las para a entrada no Ensino Fundamental.

Com a Constituição de 1988, a Educação Infantil tem maior ênfase, ao incluir creches e pré-escolas no capítulo da Educação e explicitar o caráter eminentemente educacional dessas instituições (art. 208, IV). Além disso, a Constituição não deixa dúvidas quanto ao dever do Estado de garantir atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos (art. 208, IV).

O atendimento em creches e pré-escolas como um direito social das crianças se concretiza com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado, processo que teve ampla participação dos movimentos comunitários, de mulheres, além das lutas dos próprios profissionais de educação. A partir daí, creches e pré-escolas passam por um momento de construção de identidade na busca de superação de posições antagônicas e fragmentadas, sejam elas assistencialistas ou pautadas em uma perspectiva preparatória a etapas posteriores de escolarização.

Em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) reafirma o aspecto educacional do atendimento à criança pequena. Destaca-se o fato de situar a Educação Infantil na Educação Básica. A LDB ressalta também a definição quanto ao nível de formação dos profissionais que atuam diretamente com essa faixa etária (LDB, art. 62). Ao se exigir, no mínimo, o

nível médio, modalidade normal, a LDB define a função e a identidade desse trabalhador, definindo-o como professor, como docente.

As creches e pré-escolas se constituem, portanto, em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de zero a seis anos por meio de profissionais com a formação específica legalmente determinada, contestando assim funções de caráter meramente assistencialista, embora mantenha a obrigação de assistir às necessidades básicas de todas as crianças em relação ao objetivo do cuidar e educar, enquanto objetivos comuns e indissociáveis.

A lei, ao definir a ação da Educação Infantil como sendo complementar à ação da família e da comunidade, permite inferir que para se efetivar como um nível de ensino, a Educação Infantil pressupõe uma organização adequada, necessitando está bem estruturada no âmbito dos sistemas de ensino.

A LDB considera ainda em seu artigo 29 que a Educação Infantil é parte integrante da Educação Básica, cujas finalidades são desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (art. 22). Essa dimensão de instituição voltada à introdução das crianças na cultura e à apropriação por elas de conhecimentos básicos requer tanto o seu acolhimento quanto sua adequada interpretação em relação às crianças pequenas.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) é um documento oficial do MEC (COEDI/MEC, 1998), trazendo uma abordagem consistente em relação à criança enquanto cidadão possuidor de potencialidades e limites, construindo a sua identidade e conquistando sua autonomia a partir de processos de socialização, em plenas condições de desenvolver a sua auto-estima. Vem ainda delegando às instituições de Educação Infantil a responsabilidade de ser espaço de inserção de relações éticas e diversidade cultural.

No Referencial, encontram-se as bases, segundo seu criador, que asseguram a construção de uma proposta pedagógica para cada faixa etária, a

fim de orientar sobre os aspectos mais importantes para um atendimento de qualidade na Educação Infantil.

É organizado em três volumes: Introdução; Formação pessoal e social e Conhecimento de mundo. No primeiro volume, *Introdução*, verificamos a presença de conceitos importantes para a área, uma vez que são considerados princípios que permitem avançar na delimitação da especificidade da Educação Infantil.

O segundo volume vem abordando a *Formação pessoal e social* que contempla os processos de construção da identidade e autonomia das crianças. E no terceiro, *Conhecimento de mundo*, que apresenta seis sub-eixos: música, movimento, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática.

Esse documento deve servir para a reflexão dos professores de Educação Infantil sobre o trabalho a ser desenvolvido com as crianças de zero a seis anos em instituições coletivas de educação. É importante lembrar que ele não é obrigatório ou mandatário, ou seja, nenhuma instituição está subordinada ao RCNEI a não ser que opte por fazê-lo.

Recentemente, em 2009 foram estabelecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de caráter mandatário, que aponta a promoção do desenvolvimento integral de crianças de zero a cinco anos (art.3). Enfatizando a criança como centro do planejamento curricular, considerando-a sujeito histórico e de direitos e produtora de cultura (art. 4). Além de reafirmar a Educação Infantil enquanto primeira etapa da Educação Básica (art. 5), institui a obrigatoriedade da matrícula de crianças de quatro e cinco anos na Educação Infantil (art.5, §2).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil apresentam de forma clara as diretrizes obrigatórias a serem seguidas por todas as instituições de Educação Infantil e definem fundamentos norteadores para o Projeto Político Pedagógico de cada instituição:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas,

identidades e singularidades.

II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

É perceptível que as bases legais que permeiam a Educação Infantil, têm mostrado avanços significativos no que diz respeito ao desenvolvimento da criança, e o seu reconhecimento enquanto sujeito protagonista no seu processo de formação histórico e cultural, valorizando seus saberes e fazeres.

Além de atribuir autonomia às instituições no processo de cuidar e educar, possibilitando um olhar ampliado sobre o ser sujeito – criança. Sabendo-se que a noção de cuidar e proteger não se desvincula da noção do educar e exige preparo de profissionais e apoio de recursos que viabilizem a formação dos sujeitos para uma atuação autônoma e competente no meio social.

Assim, um novo tempo se configura na perspectiva de construção de novos eixos direcionadores das políticas sociais, onde o desafio de desconstruir práticas anteriores instaladas exige forte determinação dos envolvidos, já que o momento pode significar alterações viscerais nas relações entre os órgãos públicos, profissionais da Educação Infantil, família e toda a sociedade.

A Educação Infantil vive um momento de metamorfose, que exige cuidado, atenção e principalmente, paciência, pois é um momento de discussões e questionamentos cruciais para os rumos de uma Educação Infantil totalmente voltada para a valorização e vivência da infância.

Do ponto de vista legal, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, lingüístico e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB, art. 29).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil trata do

“corte” em que as crianças que completam seis anos após o dia 31 de março devem ser matriculadas na Educação Infantil (art. 5, §3).

Uma vez que ao Ensino Fundamental de nove anos de duração passou a incluir a educação das crianças a partir de seis anos, e considerando que as que completam essa idade fora do limite de corte estabelecido por seu sistema de ensino para inclusão no Ensino Fundamental necessitam que seu direito à educação seja garantido, cabe aos sistemas de ensino o atendimento a essas crianças na pré-escola até o seu ingresso, no ano seguinte, no Ensino Fundamental.

## **2.1.2- A EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**

A Educação Infantil em Belo Horizonte acontece desde 1957, atendendo em jornada parcial, as crianças de quatro a seis anos em 13 escolas municipais de Educação Infantil (chamadas pólos) e em escolas municipais de Ensino Fundamental que possuíam turmas de Educação Infantil. Até 1983, Belo Horizonte era uma das poucas capitais do Brasil que não atendia crianças de zero a três anos. Com o crescimento da demanda e a multiplicação das creches, a prefeitura então optou por fazer convênios com algumas dessas creches, visando responder à demanda crescente. No entanto o número de crianças atendidas era muito pequeno diante da demanda.

Com a Constituição de 1988 incluindo creches e pré-escolas no capítulo da educação, atribuindo a essas instituições um caráter educativo e não mais apenas assistencialista, observou-se um movimento intenso dos órgãos governamentais, das instituições, dos diversos setores da sociedade tradicionalmente envolvidos no atendimento à criança pequena.

Na prefeitura de Belo Horizonte não foi diferente, e em 1991 acontece a promulgação da Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte, que enfatiza o papel do município relativamente ao direito da criança à Educação Infantil. Porém a Educação Infantil ainda segue a passos lentos.

Com a LDB 9394/96, a Prefeitura de Belo Horizonte a fim de cumprir a exigência da lei em que responsabiliza o município pela oferta da Educação Infantil nas creches e pré-escolas (art.11, inciso V) e constitui a Educação Infantil, a primeira etapa da Educação Básica, vê a necessidade de ampliar a sua oferta nessa etapa.

O processo continua lento e gradativo tendo em vista que o atendimento não era muito bom, pois as turmas que eram atendidas em escolas municipais de Ensino Fundamental eram instáveis, já que as vagas oferecidas para a Educação Infantil dependiam da demanda das crianças do 1º ciclo na instituição. Além disso, as práticas desenvolvidas eram, em sua maioria, preparatórias para o ensino fundamental. Sem contar o espaço que era totalmente inapropriado para o atendimento a crianças de quatro a seis anos, mobiliário, banheiros, refeitórios, além da materialidade que não atendia às crianças dessa faixa etária.

Essa situação dificultava também a existência de uma proposta de trabalho com concepções voltadas para as crianças pequenas, coerentes com sua faixa etária suas necessidades.

As crianças de seis anos foram migrando gradativamente para o ensino fundamental com a implantação da Escola Plural, que se deu a partir de 1995, adotando a organização por ciclos no ensino fundamental, incluindo crianças dessa faixa etária no 1º Ciclo, composto pelas idades de 6/7/8 anos. Com isso, o atendimento à Educação Infantil nas escolas começou a crescer para baixo e as escolas “pólo” passaram a atender crianças de três, quatro e cinco anos.

Em 2001 é dado início às discussões e estudos sobre maneiras de ampliar a oferta da Educação Infantil, pois de acordo com a LDB o prazo de integração da Educação Infantil nos respectivos sistemas de ensino era de três anos a partir da data de sua promulgação, e este prazo já havia se esgotado em 22 de dezembro de 1999 (art.89).

É criado então o cargo de Educador Infantil e as unidades municipais de Educação Infantil (UMIEs), que ficariam vinculadas a uma escola municipal já existente. Mesmo assim o atendimento continua pequeno em relação à

demanda.

Dessa forma, a prefeitura opta por priorizar o atendimento às crianças em situações de vulnerabilidade e portadoras de necessidades especiais, a essas já é assegurada a matrícula compulsória, ao restante após execução da matrícula, se o número de candidatos for superior ao número de vagas, é realizado um sorteio, o que sempre acontece.

A Educação Infantil na rede municipal de educação de Belo Horizonte vai seguindo o seu rumo, com o intuito de oferecer às crianças de zero a cinco anos uma educação de qualidade, dentro dos princípios e diretrizes estabelecidos para a formação integral do ser, permitindo-nos um olhar na perspectiva de formar cidadãos críticos e acima de tudo conscientes.

A Educação Infantil em Belo Horizonte tem sido acima de tudo alvo de estudos e pesquisas visando o reconhecimento do direito da criança pequena à educação e a necessidade de implementar diretrizes relativas ao acesso e à qualidade do atendimento a esse público, como primeira etapa da educação básica, integrada aos sistemas de ensino. Nesse contexto, aspectos relacionados aos objetivos da educação na faixa etária de zero a cinco anos, a formação, a carreira e as condições de trabalho dos profissionais que realizam esse trabalho, às características dos espaços educativos que são considerados para esse atendimento, tornam-se temáticas de grande importância para a construção de uma política pública educacional voltada para as necessidades e demandas dos novos tempos.

É nesse contexto que professores de Educação Infantil e a secretaria municipal de educação estudam as Proposições Curriculares para a Educação Infantil, que segundo os organizadores, “constituem um projeto de cultura comum que deve ser desenvolvido com as crianças, de zero até seis anos, para que sua experiência educativa escolar seja de aprendizagem e crescimento, numa perspectiva de educação como direito à formação humana”.

As proposições são organizadas em três eixos:

- Eixo 1 – Construção de atitudes e valores

- Eixo 2 – A construção do conhecimento mediante interações estabelecidas com a cultura, a natureza e a sociedade; ou seja, com o mundo físico e social
- Eixo 3 – A apropriação de múltiplas linguagens (oral, musical, corporal, plástica, digital, brincar, matemática) como forma de expressão.

Abordam principalmente uma concepção de currículo que se refere às aprendizagens direcionadas a um cidadão que se encontra na infância, ou seja, conhecimentos que respondem às suas necessidades formativas de criança. Portanto são indicadores de qualidade social da formação dos sujeitos da Educação Infantil nas dimensões físicas, cognitivas, emocionais e afetivas. Aponta que é função da instituição educativa desenvolver uma proposta curricular que leve as crianças a atingir patamares mais organizados de conhecimento complexo e de processos complexos de conhecimento, favorecendo a sua participação e inclusão nas discussões e busca de respostas para as questões de seu tempo e idade, de sua sociedade, deste mundo, de agora. Sendo assim a concepção que orienta a elaboração do currículo tem como pressuposto considerar as potencialidades do sujeito para a construção, reconstrução, incrementação, reelaboração, inter-relação, afirmação dos conhecimentos a fim de possibilitar a compreensão e a solução de situações problema na sua vida e em seu meio social.

Esse currículo é organizado em capacidades/habilidades que orientarão a seleção e organização dos conhecimentos, as experiências escolares para seu desenvolvimento e a avaliação, levando em consideração as condições dos bebês e das crianças pequenas.

É importante lembrar que as proposições estão sendo estudadas e avaliadas inclusive por nós, cursandos do LASEB/Educação Infantil, dele ainda nos cabe muito estudo e apontamentos que acreditamos serão levados em conta na sua redação definitiva, afinal a implementação será feita por nós professores e pelas crianças atendidas nas UMEIs.

É fato que a Educação Infantil avançou muito desde a Constituição de 1988, e depois da LDB 9394/96, o salto foi muito mais significativo. Ainda é pouco, precisamos avançar mais, a demanda ainda é maior que o número de vagas oferecidas, os espaços ainda são discutíveis, a preparação dos

profissionais que atendem esta faixa etária é ponto para se pensar, uma parceria com a os profissionais da saúde, com certeza ajudaria muito.

Sabemos também que enquanto primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil adquire certo *status*, mas seria ilusão nossa pensar que a idéia do assistencialismo está totalmente refutada das cabeças que pensam esta etapa da educação, haja vista que em Belo Horizonte as vagas não são distribuídas igualmente para “todos”, ainda se dá preferência para a vulnerabilidade, nada contra, mas para se ter uma vaga garantida na Educação Infantil, tem que ser vulnerável ou especial, ser “normal”, já oferece um grau de dificuldade para se fazer parte dessa conquista.

Alem disso ainda temos um longo caminho a percorrer quando se trata de uma Educação Infantil voltada para as questões da infância e não enquanto etapa de preparação para o ensino fundamental. Antes disso temos que mudar essa concepção na cabeça de muitas professoras de ensino fundamental que critica nossas crianças advindas de UMEIs, classificando-as sempre nas salas de menor rendimento. E não caímos na ilusão de que as escolas de ensino fundamental não fazem esse tipo de classificação, porque fazem. E algumas delas acreditam que as UMEIs deveriam ter o objetivo de alfabetizar as crianças mais cedo. Também não sou contra isso, já que considero que nessa faixa etária a criança está muito propícia a aprender, mas daí a se tornar o objetivo da Educação Infantil, seria como treinar as nossas crianças mais cedo para as provas externas, para obter resultados, para alcançar metas quantitativas.

Neste sentido, percebo que é muito importante que estudemos exaustivamente as Proposições Curriculares, pois elas nortearão grande parte do nosso trabalho, senão todo ele. Diante disso o nosso papel enquanto professores de Educação Infantil e conhecedores das necessidades dessa faixa etária temos muito por fazer.

## **2.2- A MÚSICA**

### **2.2.1- A MÚSICA E O HOMEM**

O homem, desde a antiguidade, sempre teve uma estreita relação com a música. Sendo assim sua presença na humanidade é incontestável. Ela tem acompanhado o homem ao longo da história, exercendo as mais variadas funções e reações. A música é uma linguagem universal, acessível a todas as culturas, presente em todas as regiões do mundo, ultrapassando as barreiras do tempo e do espaço acompanhando o homem em praticamente todos os momentos da sua trajetória.

A forma pela qual a música acontece nos diferentes grupos sociais é bastante diversificada, e no decorrer da história é atribuído a ela diferentes funções e valores. A função da música em uma tribo indígena não é a mesma que em danceteria, ou de um mantra em um templo budista, como do canto das lavadeiras à beira do Rio São Francisco. Brito (2003) ressalta isso e coloca ainda a importância de conhecer e valorizar sua própria cultura musical e também a do outro.

As muitas músicas da música – o samba ou o maracatu brasileiros, o blues e o jazz norte-americanos, a valsa, o rap, a sinfonia clássica européia, o canto gregoriano medieval, o canto dos monges budistas, a música concreta, a música aleatória, a música da cultura infantil, entre muitas outras possibilidades – são expressões sonoras que refletem a consciência, o modo de perceber, pensar e sentir os indivíduos, comunidades, culturas, religiões, em seu processo sócio-histórico. Por isso, tão importante quanto conhecer e preservar nossas tradições musicais é conhecer a produção musical de outros povos e culturas e, de igual modo, explorar, criar e ampliar os caminhos e os recursos para o fazer musical. Como uma das formas de representação simbólica do mundo, a música, em sua diversidade e riqueza, permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro – próximo ou distante. (BRITO,2003, p. 28)

O homem ao longo dos tempos vem estabelecendo relações de reconhecimento e identidade cultural, através da música, como forma de comunicação que consiga tocar e alcançar outras culturas. E ao longo deste tempo vem também transformando e recriando a música de acordo com as mudanças decorrentes de fatores externos ou internos.

Segundo Walter Howard “a música sempre se entrega pela metade; exige do homem que a ouve ser restabelecida na integralidade de sua essência. O ouvinte que não recria o trecho de música que escuta, que não se transporte ao estado que seria o seu se o compusesse naquele instante, passa longe da música.”(HOWARD, 1984)

O homem enquanto ser cultural e dotado de criatividade está sempre reinventando tudo à sua volta, com a música não é diferente. Ao longo dos tempos a música sofre vários tipos de intervenção de acordo com a dinâmica das produções musicais de cada época ou contexto.

Brito (2003, p.29) aponta para o fato de que “não podemos deixar de lembrar a influência das transformações tecnológicas, que ampliaram os meios para o fazer musical pela introdução de instrumentos eletrônicos, sintetizadores, computadores etc. A música concreta e a música eletrônica, desenvolvidas na primeira metade do século XX, procuraram mudanças que continuam ocorrendo até os dias atuais em todos os gêneros e estilos musicais.”

O Brasil é um país historicamente musical, desde sua colonização, quando aqui chegaram os portugueses, já perceberam a musicalidade nos índios que aqui habitavam, como descrito a seguir:

Ao lado da nudez, da antropofagia e dos costumes guerreiros, terá sido a aptidão para a expressão poética – ou para o modo como ela costumeiramente se manifesta nas culturas ágrafas, isto é, o do canto – uma das mais fortes impressões que os índios brasileiros causaram nos primeiros europeus que os conheceram e descreveram. Ao lado da intensa visualidade que caracteriza as perspectivas dos registros feitos por viajantes e missionários, ressoa neles surdamente, inefável, incompreensível, intraduzível, a palavra cantada da América selvagem. (TUGNY e QUEIROZ, 2006, p.176)

Os negros, quando aqui chegaram também trouxeram suas contribuições musicais, fortemente presentes até hoje, com seus instrumentos de percussão e tambores e com seu canto alegre e contagiante, expressando sua religiosidade.

Os cantos, ritmos e danças dos negros compõem, assim, o ambiente musical religioso da Minas desde o período colonial, época em que conviviam com outras músicas vinculadas às irmandades de brancos e mulatos. (TUGNY e QUEIROZ, 2006, p.77)

A música é usada com diferentes propósitos durante o curso da história humana, na saúde, no lazer, na religião, no campo afetivo e emocional. “ A expressão sonora é inseparável da vida na maioria das culturas”( Tugny e Queiroz, 2006, p.335). Já que ela é o veículo ideal para a manifestação dos sentimentos humanos.

Pode-se ter a clara noção de gostar ou não de uma música e isso pode levar a pensar que esta escolha baseada no gosto pessoal é a única influência que a música pode ter sobre o homem. Se não se gosta de uma música, ela não vai afetá-lo. Mas não é bem assim. A experiência musical ultrapassa tudo o que podemos imaginar sem um estudo aprofundado. E esta experiência, embora seja por um meio abstrato e efêmero – já que com a música, temos uma relação de sentimento no momento em que a ouvimos – atinge muito mais do que o simples gostar ou não gostar, ou a criação de fantasias na nossa imaginação, através dos desenhos sonoros. Esta influência é física, algo capaz de levar ao movimento dos músculos.

Ao abordar o primeiro encontro entre a música e o homem, na infância, Walter Howard (1984) se debruça sobre a questão mais geral das relações entre a música e o homem, oferecendo novas e decisivas perspectivas de exploração científica. Não descreve uma coisa morta, mas algo inseparável do homem vivo.

## 2.2.2- A MÚSICA E O CORPO

O corpo fala através do movimento e a música remete o corpo ao movimento. A música desperta no ser humano a vontade de se movimentar, de se entregar às vibrações do som e deixar-se levar pela sonoridade de um ritmo. O movimento corporal e a música se ligam intimamente como nos coloca o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

O gesto e o movimento corporal estão intimamente ligados e conectados ao trabalho musical. A realização musical implica tanto em gesto como em movimento, porque o som é, também, gesto e movimento vibratório, e o corpo traduz em movimento os diferentes sons que percebe. Os movimentos de flexão, balanceio, torção, estiramento, etc. e os movimentos de locomoção, como andar, saltar, correr, saltitar, galopar, etc., estabelecem relações diretas com os diferentes gestos sonoros. (RCNEI, 1998, p. 61)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), vem reforçar a importância da música, tratando-a inclusive como linguagem quando aponta que as práticas pedagógicas devem garantir experiências que “favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.”(DCNEI, 2009)

A música é capaz de envolver as pessoas, levá-las a se movimentarem a interagirem com a sonoridade de melodias diversas. O conceito de ser influenciado por um som, que é algo abstrato e efêmero, pode parecer estranho, mas ele existe e é isso que leva as pessoas a movimentarem-se ao som de uma música, como afirma Brito (2003) a seguir:

É difícil encontrar alguém que não se relacione com a música de um modo ou de outro: escutando, cantando, dançando, tocando um instrumento, em diferentes momentos e por diversas razões. Ouvimos música no supermercado ou sentados na cadeira do dentista! Surpreendemo-nos cantando aquela canção que parece ter “cola” e que não sai da nossa cabeça e não resistimos a, pelo menos, mexer os pés, reagindo a um ritmo envolvente... (BRITO, 2003, p. 31)

O filósofo suíço Jean Piaget (1896-1980), um dos maiores teóricos do desenvolvimento infantil, acreditava que a realidade das crianças é vivida e interpretada por meio das sensações físicas e não do pensamento. O que se leva a pensar sobre a importância do corpo e das faculdades motoras no desenvolvimento do ser humano, já que Piaget defende que as experiências concretas influem diretamente no desenvolvimento da criança. E a expressão corporal é a concretização da experiência musical.

Ao ouvir certas músicas, muitos podem ser os sentimentos despertados em uma pessoa, marcando momentos tristes ou felizes. Não só as memórias são ativadas, mas também o corpo, as crianças, mesmo as pequenas, sabem que dançar é uma atividade que está associada à música e buscam produzir com seu corpo movimentos que acompanhem os ritmos e as melodias sugeridas nas canções que escutam. Por isso cantam, batem palma, mexem os braços, os quadris e as pernas de forma alegre e entusiasmada se a melodia assim convidar e for desejo delas de se expressarem dessa forma.

Nesse sentido, Brito (2003, p.31) afirma: “Temos um repertório musical especial, que reúne músicas significativas que dizem respeito à nossa história de vida: as músicas da infância, as que nos lembram alguém, as que cantávamos na escola, as que nos remetem a fatos alegres ou tristes, as que ouvimos no rádio, em concertos, shows etc.”

É conveniente salientar a importância do corpo e do movimento para uma criança, e conseqüentemente no uso da música com essa criança. Pois ela se expressa quase que totalmente com o corpo, sendo assim, esse se torna instrumento fundamental de aprendizagem da criança, estimulando sua noção de espaço e tempo nesse mundo “grandão” que a cerca, do qual ela deve se apropriar.

Brito (2003, p. 145) coloca a importância do corpo no ensino da música: “É fato indiscutível que o ritmo se apreende por meio do corpo e do movimento. Partir dos movimentos naturais dos bebês e crianças, ampliando suas

possibilidades de expressão corporal e movimento, garante a boa educação rítmica e musical, além de equilíbrio, prazer e alegria, pois o ser humano é – também – um ser dançante.(...)”

### **2.2.3- A MÚSICA E A CRIANÇA**

Ainda na fase uterina, as crianças já têm contato com o universo sonoro, sentindo os sons do corpo da mãe, sua voz e todo tipo de som que a cerca. Quando nascem, os pais cantam, compram brinquedos sonoros, colocam seus CDs preferidos para distraí-las, mais tarde ensinam a cantar “atirei o pau no gato”, e por aí vai. Parece besteira, mas estes pequenos contatos com a música já exercem grande influência sobre as crianças.

Segundo Howard (1984, p. 27), a criança tira proveito dos ruídos que ouve ao seu redor, quer sejam provocados pelo tear de um tecelão, a bigorna de um ferreiro, a serra ou o martelo de um carpinteiro. As crianças devem ser admitidas desde o primeiro dia de sua existência a participar da vida familiar.

Crianças que crescem ouvindo, cantando e “dançando” ao som das batidas de alguma música estão desenvolvendo o que Howard (1984) chama de “domínios sensoriais”. Sendo que, a criança está exposta à uma vasta variedade de gostos, cheiros, texturas, cores e sons. E a criança que desfruta de um ambiente tão rico e variado está absorvendo mais do que apenas diversão, está desenvolvendo seu lado intelectual, uma personalidade diferente, mais rica mais ampla.

A música é um elemento fundamental no que diz respeito a formação integral da criança. Ela começa a expressar-se de outra maneira e é capaz de integrar-se ativamente na sociedade, porque a música a ajuda a desenvolver autonomia em suas atividades habituais, assumir cuidado de si mesma e ampliar seu mundo de relacionamentos.

O processo de musicalização das crianças acontece de forma natural e espontânea, o que as levam a estabelecerem de forma mais tranquila a relação com os adultos e outras crianças, quando cantam ou tem algum outro

tipo de contato com a música. Além de contribuir para o seu desenvolvimento afetivo e cognitivo. Como ressalta Brito:

Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e – logo – com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música. Nesse sentido, as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonoro-musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com adultos quanto com a música. (BRITO, 2003, p. 35)

Dessa forma é importante que se faça o uso da música, também, nos ambientes de aprendizagem da criança. Valorizando e explorando esse potencial natural e espontâneo delas. De forma a levá-las a desenvolver suas potencialidades cognitivas a serem apreendidas aliadas às experiências intuitivas, como as reações musicais.

Sobre isso Brito (2003) cita Delalande: “Convicto de que o melhor caminho a seguir é observar e respeitar o modo como os bebês e as crianças exploram o universo sonoro e musical, François Delalande afirma que essa deve ser a postura de educadores (leigos ou especialistas) diante do desafio de proporcionar às crianças o acesso à experiência musical. Suas pesquisas, realizadas em instituições de educação da França e Itália, documentam as etapas de exploração sensório-motora, jogo simbólico e jogo com regra, envolvendo desde bebês de seis meses até crianças de doze anos de idade. Como um bebê de seis meses comporta tendo diante de si um pequeno tambor? Ele experimenta bater, rapar e, aos poucos, organiza sua exploração, repetindo gestos e movimentos que apreende e internaliza. Nenhum adulto interfere em sua atividade, a não ser para garantir-lhe conforto, bem-estar e segurança!”

Brito (2003, p.51) coloca que: “ Ainda percebemos fortes resquícios de uma concepção de ensino que utilizou a música – ou, melhor dizendo, a canção – como suporte para a aquisição de conhecimentos gerais, para a

formação de hábitos e atitudes, disciplina, condicionamento da rotina, comemorações de datas diversas etc. Os cantos (ou “musiquinhas”, como muitos ainda insistem em dizer) eram quase sempre acompanhados por movimentos que, pela repetição, tornavam-se mecânicos e estereotipados, automatizando o que antes era – ou poderia vir a ser – expressivo. A música nesses contextos, era apenas um meio para atingir objetivos considerados adequados à instrução infantil.”

Brito (2003, p. 51) ainda cita M.C.F.D. Martins (1998, p. 11) que afirma que: “A Escola Nova, que passou a influenciar o ensino brasileiro entre as décadas de 50 e 60, direcionou o ensino de arte para a livre expressão e a valorização de processo. Promovendo situações para o “aprender fazendo”, esse movimento introduziu mudanças, gerando transformações, acertos e erros. A crítica à Escola Nova aponta para o espontaneísmo centrado na “valorização extrema do processo sem preocupação com os seus resultados.”

A proposta é que a música seja usada com significado, que se cante nesses momentos, mas que ela possa fazer parte da vida da criança de forma a levá-la ao conhecimento e relacionamento com o mundo que a cerca. Muitas músicas fazem menção a esses hábitos, mas de forma mais rica e significativa para outras aprendizagens da criança.

As crianças se identificam muito com as brincadeiras cantadas, que ao mesmo tempo as divertem e ensinam de forma prazerosa e natural. Essas músicas de domínio popular levam as crianças a se divertirem e usarem a imaginação, aguçando a curiosidade e levando-as a descobertas e experiências culturais. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil aborda a valorização desses brinquedos musicais no cotidiano da Educação Infantil:

Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas, nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências desenvolvimento expressivo e musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz de conta, esses jogos e brincadeiras são legítimas expressões da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha, etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, desse sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um

grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo. Os jogos e brinquedos musicais da cultura infantil incluem os acalantos (cantigas de ninar); as parlendas (os brincos, as mnemônicas e as parlendas propriamente ditas); as rondas (canções de roda); as adivinhas; os contos; os romances etc.” (RCNEI, Vol. 3, 1998, p. 71)

Na Educação Infantil o trabalho com música pode ser feito com o auxílio de brinquedos sonoros, objetos que propiciem à criança o reconhecimento de diferentes sons e tonalidade para que ela desde muito pequena já tenha contato com a produção musical. Pode-se também produzir alguns objetos sonoros com as crianças, com materiais reaproveitáveis e de fácil acessibilidade delas, dessa forma elas também farão parte do processo de produção de suas fontes sonoras.

Segundo Brito (2003, p. 64) “O trabalho com a música pode (e deve) reunir grande variedade de fontes sonoras. Podem-se confeccionar objetos sonoros com as crianças, introduzir brinquedos sonoros populares, instrumentos étnicos, materiais aproveitados do cotidiano etc., com o cuidado de adequar materiais que disponham de boa qualidade sonora e não apresentem nenhum risco à segurança de bebês e crianças”.

Ela coloca ainda a importância de se valorizar diversos brinquedos sonoros, e ainda os que imitam sons de animais, entre outros materiais interessantes.

Tudo isso ajudará a criança a ter, curiosidade, criatividade e interesse por tudo que será realizado na escola. Levando-a a ter maior poder de apropriação do mundo que a cerca e mais autonomia e respeito na relação com o outro.

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica e de projeto de intervenção. Os dados aqui apresentados foram coletados da observação do projeto desenvolvido com determinado grupo de crianças por aproximadamente 5 meses. O tema escolhido foi “A importância da música na Educação Infantil” com o objetivo geral de investigar a presença da música nas práticas pedagógicas e sua importância no cotidiano escolar. Para tanto foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre música, sua história e importância na cultura brasileira e a influência dela sobre as crianças, além de uma pesquisa de campo descrita a seguir.

**I - Contexto:** A pesquisa de campo foi realizada em uma UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil), localizada no bairro Jardim Leblon, em Belo Horizonte. A opção pela instituição é pelo fato de a pesquisa/intervenção ter que ser realizada no meu local de trabalho por exigência do curso. A UMEI possui aproximadamente 131 alunos, sendo que 26 ficam na escola em período integral. O prédio contém 5 salas de aula, cozinha, sala de direção/secretaria, refeitório, pátio, 2 banheiros para funcionários, 4 banheiros para crianças. A turma pesquisada estuda no turno da tarde.

**II – Participantes:** Quinze crianças de 3/4 anos e a professora regente.

**III – Instrumentos:** O instrumento utilizado foi a observação.

A observação foi realizada com foco na reação das crianças no dia-a-dia da sala e nos momentos em que foram feitas experiências com diversos tipos de músicas. Inclusive músicas apresentadas por elas através de CDs. As ações das crianças diante de objetos e nos momentos das brincadeiras também foram observadas no intuito de ampliar informações para os objetivos específicos do estudo em questão. Os principais pontos a serem abordados na pesquisa são a reação e a receptividade da criança diante das atividades propostas.

**IV – Procedimentos:** Os procedimentos se deram a partir de algumas ações desenvolvidas com as crianças. A maioria delas se prolongaram durante toda a semana. A participação das famílias com a doação de materiais reaproveitáveis foi muito importante, possibilitando a realização de ações muito interessantes com as crianças. Os procedimentos estão detalhados no quadro abaixo:

<b>Data</b>	<b>Ação</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Realização</b>	<b>Materiais</b>
17/03	Na rodinha foi apresentada às crianças uma caixa colorida, para que fossem levantadas hipóteses sobre o conteúdo da caixa, com a ajuda de pistas. Depois disso a caixa foi aberta e as crianças puderam visualizar alguns objetos.	Apresentar o projeto às crianças e sondar suas reações diante do que seria apresentado a elas.	Nesse dia estava previsto um bate papo sobre os objetos, mas com o entusiasmo das crianças elas apenas brincaram e exploraram os objetos na sala mesmo.	Flauta doce, pandeiro, pau de chuva tambor, triangulo, chocalhos de materiais recicláveis, tampas de painéis, colheres, painéis, latas, pedaços de cabos de vassouras, mini tambor africano
31/03	Novamente na rodinha, as crianças têm a oportunidade de dizer o que acharam dos objetos e qual a utilidade deles.	Ouvir a opinião das crianças sobre os objetos apresentados a elas.	As crianças falaram sobre os objetos. Falaram que gostaram da “brincadeira”, que foi divertido e que os objetos são para fazer barulho, fazer musica	Flauta doce, pandeiro, pau de chuva tambor, triangulo, chocalhos de materiais recicláveis, tampas de painéis, colheres, painéis, latas, pedaços de cabos de vassouras, mini tambor africano
14/04	Foi colocados para as crianças diversos tipos de música, samba, forró, pagode, frevo, aché, musica clássica, musicas infantis, etc.	Perceber que tipo de musica chama mais a atenção das crianças	A reação das crianças foi bastante tímida. Elas não se soltaram muito. Algumas mexiam o pezinho ou a cabeça, mas com pouco entusiasmo.	Cd e cd player

28/04	Na rodinha, foi pedido às crianças que fechassem os olhos e prestassem atenção nos sons que estavam ouvindo	Estimular a capacidade de ouvir e se concentrar.	As crianças ficaram de olhos fechados por 5 minutos, alguns não conseguiram, depois elas falaram sobre os “barulhos” que ouviram.	O corpo
12/05	Confeção de chocalhos com sucatas	Construir com as crianças um instrumento musical	Construímos os chocalhos com as sucatas que as crianças levaram para a escola. Elas adoraram a experiência	Copinhos de iogurte, Garrafinhas de pichula, feijão, arroz, areia, brita Durex colorido, cola colorida
17/05	Durante toda a semana seguinte as crianças brincaram com os chocalhos	Levar as crianças a ter contato direto com os instrumentos que construíram e com a musicalidade produzida por eles	As crianças brincaram muito com os instrumentos e cantaram várias músicas com acompanhamento dos chocalhos	Chocalhos
26/05	Foi colocado para as crianças um cd de músicas clássicas e foi sugerido a elas que dançassem no ritmo da música	Observar a percepção das crianças da relação de ritmo e movimento	As crianças dançaram livremente pela sala, e conseguiram seguir o ritmo das músicas que foram tocadas, mexiam mãos e cabeça em harmonia com o corpo.	CD e cd player
09/06	Foi entregue às crianças vários objetos	Produzir som	As crianças produziram vários tipos de sons, e experimentaram todos os objetos que lhes foram apresentados	Flauta doce, pandeiro, pau de chuva, tambor, triângulo, chocalhos de materiais recicláveis, tampas de painéis, colheres, painéis, latas, pedaços de cabos de

				vassouras, mini tambor africano
16/06	Desenho no ritmo da musica	Seguir o ritmo	À medida que ouviam a musica as crianças movimentavam o lápis no papel, mas e não demonstraram grande interesse	Papel oficio branco, lápis preto, cd, cd player
23/06	Estátua	Parar como estátua quando a música parar de tocar	A medida que a musica for tocando as crianças vão dançando. Quando a m parar , elas devem parar como estátuas	Cd e cd player
30/06	A proposta feita às crianças foi que imitassem a professora	Combinar sons e silêncios de duração diferente	Começamos batendo palmas, depois os pés e por ultimo em objetos. As crianças reproduziam da melhor forma que conseguiam. À medida que dificultava a atividade elas foram se atrapalhando.	O corpo, tampas, pedaços de cabo de vassoura
07/07	Confecção de pau de chuva	Construir com as crianças um instrumento musical	Construímos o pau de chuva com rolos de papel alumínio e papel filme que as crianças levaram de casa	Tubos de papel alumínio e papel filme, arroz, papel cartão, cola branca e colorida, durex colorido
13/07	Imitar os sons	Perceber o som de cada instrumento	Em roda a professora faz um som com alguns instrumentos e as crianças tentavam imitar. Algumas imitações ficavam bem longe do som retirado do instrumento, mas as crianças gostaram da	Pandeiro, pau de chuva, chocalho, tambor africano, flauta doce, triângulo

			brincadeira	
15/07	Inventar um instrumento	Levar a criança a usar a criatividade e desenvolver habilidades manuais	Foi apresentado às crianças várias sucatas e propostas à elas que criassem um objeto sonoro e dessem um nome a ele.	Copos e garrafinhas de iogurte, garrafas pet, pedaços de pau, tubos de papelão grandes e pequenos, palitos para churrasco, fita crepe, durex colorido, tinta guache, areia, arroz, feijão, pedrinhas, milho.

#### 4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças demonstraram grande interesse pelas atividades realizadas em sala, foram participativas no decorrer das experiências, apesar da timidez inicial.

Foi perceptível a satisfação e o prazer estampado nos olhinhos brilhantes das crianças quando se apropriavam dos objetos sonoros para produzirem seus próprios sons. No início apenas um barulho desrritimado sem nenhuma preocupação, depois a tentativa de acompanhar o ritmo da professora ou de alguma música cantada por um colega.

Agora qualquer coisa é um objeto sonoro em potencial, os brinquedos que antes eram panelinhas, pratinhos, e outros brinquedos de faz-de-conta, transformaram-se em produtores de música, baterias de faz-de-conta, guitarra de faz-de-conta, pau de chuva, pandeiro e outros objetos que lhe pudessem transmitir a capacidade de produzir som.

Com esse trabalho foi possível perceber que as crianças pequenas possuem muita intimidade com a música e que esta faz parte de sua formação de forma intrínseca e natural.

A intimidade com que as crianças se apropriaram dos objetos sonoros e a naturalidade com que se relacionaram com eles na produção de sons leva a perceber o quanto a música faz parte da vida do ser humano desde muito cedo.

Durante a realização do trabalho houve algumas dificuldades, a minha inexperiência com crianças da faixa etária de 3/4 anos foi uma delas, o fato de não conhecer as crianças dessa idade me fez ter certa dificuldade no início do trabalho. Toda a minha experiência na Educação Infantil havia se dado com crianças de 4 e 5 anos, apesar do receio de assumir uma turma de crianças menores não imaginei que a diferença fosse tão gritante.

Tive grandes dificuldades para entendê-las a princípio, pois não era capaz de decifrar seus sinais de angústias e medos. Além do mais estava muito concentrada na realização do trabalho para perceber que me perdia um pouco ao longo do processo.

As crianças eram caladas e tímidas, não se soltavam muito, ficavam caladas nas rodas de conversa, a aproximação não foi fácil e finalmente resolvi usar o restante do primeiro mês de aula para me aproximar mais delas e aos poucos conquistá-las.

Quando finalmente consegui a aproximação o trabalho começou a fluir e foi exatamente a partir da realização das experiências que essa relação aconteceu para mim e para elas, pois nesse processo percebi que eu também precisava ser contagiada pela crianças e a música teve um papel muito importante nessa troca.

Vencida essa dificuldade veio o problema do espaço, em uma das experiências realizadas percebi que o meu trabalho não poderia ultrapassar os limites de minha sala, pois a partir daí eu iria incomodar as minhas colegas e outras crianças da UMEI com o barulho produzido pela minha turma.

Mas esse problema não impediu que as crianças se soltassem e se envolvessem com o trabalho, elas participaram intensamente do processo enriquecendo-o muito e enriquecendo também a minha experiência.

As crianças gostavam de ouvir músicas variadas, de dançar, de cantar e relacionar com a música, mas os momentos de maior empolgação era nos momentos de produção dos objetos sonoros e quando brincávamos com eles em sala. Eles não perdiam a graça, era sempre como um novo achado, uma nova oportunidade, uma nova chance de produzir.

Foi possível também perceber o avanço na linguagem oral e sócio-afetivo das crianças, principalmente as crianças que já estavam na UMEI desde o berçário, surpreenderam a todos com o desenvolvimento da expressão corporal e da sensibilidade auditiva.

Diante de todas essas experiências vividas é possível perceber com maior clareza a importância da música na Educação Infantil, não apenas como pano de fundo para a realização de trabalhos variados ou com intuito de disciplinar, mas como instrumento de sensibilização e desenvolvimento cognitivo e afetivo.

É importante que a escola se aproprie da música enquanto “instrumento” com maior consciência de sua importância, percebendo a grande influência que a música é capaz de exercer sobre as crianças e toda a riqueza cultural que pode ser explorada a partir do trabalho com ela.

A música é também uma forma de expressão, e a criança se apropria dessa característica com grande naturalidade, o que a leva a apreender de forma também natural aquilo que é passado para ela através da música.

O homem tem a consciência da música enquanto forma de expressão, por isso a usa em diferentes contextos de sua vida, na religião, na identificação de “tribos”, na divulgação de sua cultura, enquanto terapia, lazer e outras situações culturais ou emocionais.

Segundo o ditado popular “quem canta seus males espanta” ou “quem canta, reza duas vezes”, a sabedoria popular atribui à música grande importância no cotidiano do ser humano. Cantar além de ser uma das formas de expressão mais antigas do ser humano pode ser usada também para outros fins como simplesmente relaxar ou fazer uma oração.

É possível perceber o quanto a música pode nos fazer bem. Às vezes, relaxando. Às vezes, trazendo antigas lembranças de volta. Às vezes, aguçando as emoções. É o cérebro que se encarrega de fazer a conexão entre a música e a história pessoal de cada um.

Temos um repertório musical especial, que reúne músicas significativas que dizem respeito à nossa história de vida: as músicas da infância as que nos lembram alguém, as que cantávamos na escola, as que nos remetem a fatos alegres ou tristes, as que ouvimos no rádio, em concertos, shows etc. (BRITO, 2003, p.31)

Dessa forma a música influencia a vida do ser humano e participa da sua formação atribuindo-lhe riqueza cultural e emocional.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da música na Educação Infantil foi o foco dessa pesquisa, e nela foram levantadas várias hipóteses do porque deve ser realizado esse trabalho com as crianças pequenas, visando não só a abstração de valores, regras e disciplina, mas o caráter prazeroso que a música pode oferecer às crianças dessa faixa etária.

Com o objetivo de investigar a presença da música nas práticas pedagógicas e sua importância para a formação da criança, foi possível perceber que a música precisa ter uma atenção especial dos professores da Educação Infantil.

Penso que talvez um profissional com formação em música possa fazer este trabalho de forma mais efetiva e com maior segurança, mas acredito que mesmo sem uma formação musical é importante que nos informemos um pouquinho mais sobre o assunto e procuremos trabalhar melhor com esse instrumento tão cheio de possibilidades que é a música.

É importante que se parta da realidade da criança, do que gosta, do que costuma ouvir no dia-a-dia no rádio, na rua, em casa, na televisão, enfim que tipo de música a cerca e lhe chama a atenção. Nesse processo eu fui e voltei muitas vezes na realização do meu trabalho, pois tive que identificar os vários gostos existentes na turma e procurar formas de investigar o significado dessas músicas para as crianças.

As músicas que elas ouvem e cantam geralmente fazem parte do meio social do qual fazem parte, quando não são músicas ligadas à identidade da comunidade, são de cunho religioso que expressa a fé professada pelos pais.

A música diz muito da realidade de uma criança e elas se identificam com o que cantam, junto com a música vem seus valores e condutas diante do mundo que a cerca. Há aquelas crianças que parecem também carregar o

silêncio, como se ao seu redor ninguém cantasse. Felizmente em nossa turma não existe mais esse tipo de criança.

Depois de todo esse aprendizado vem a minha contribuição, apresentei um vasto repertório musical para as crianças e me surpreendi com a aceitabilidade das crianças. Desde o axé até as músicas clássicas, elas foram capazes de receber cada uma com a mesma curiosidade e alegria. As crianças foram capazes de identificar sensações passadas pelas músicas de tristeza, alegria, movimento, amor, dor, medo, enfim sentimentos que podem ser despertados nas pessoas ao ouvir uma música.

Com as crianças aprendi que a música não serve só para cantar e ouvir, mas também para sentir e se expressar.

Durante o trabalho houve muitas dificuldades, e a maior delas foi o espaço da UMEI. Por ser pequena, o “barulho” que fizemos quando tentamos produzir música incomodou a todos. Dessa forma tivemos que nos limitar à nossa sala. O trabalho aconteceu, mas talvez nos tenha faltado espaço para soltarmos a nossa “musicalização”.

As crianças gostaram principalmente de produzir os objetos sonoros, para elas ficou claro que a música podia romper todas as paredes da escola, com aquele objeto elas poderiam produzir o som em qualquer lugar. E todos os dias que saiam da escola com um objeto percebia-se isso.

A oportunidade de realizar esse trabalho me proporcionou um crescimento muito grande, pois pude conhecer minhas possibilidades e perceber meus limites. Aprendi que recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo de acertar e se ainda não der certo, existem outros caminhos a seguir, basta que estejamos de olhos bem abertos para enxergá-los.

Não foi fácil ter que descobrir estratégias, ter que decifrar olhares e gestos. Foi aterrorizante perceber que não estava dando certo e reconhecer que deveria recomeçar. Mas foi gratificante perceber o retorno, analisar as possibilidades e enxergar um jeito novo de se fazer.

Trabalhar com crianças é compensador, mas com criança e música é a certeza de alegria e diversão, de sorriso e muita bagunça (organizada), pois é muito fácil nos entregar a um som que nos agrada.

Que esse trabalho seja só o começo para que possamos enriquecer o nosso repertório acadêmico para sermos capazes de proporcionar às crianças uma formação mais rica e prazerosa e que outros estudantes se debrucem nesse tema para que a música seja melhor trabalhada com as crianças.

## 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO HORIZONTE, Secretaria Municipal de Educação. **Proposições Curriculares da Educação Infantil**. Belo Horizonte: 2009 ( no prelo)

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: CNE/CEB. DOU. 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. n. 9394/96. Brasília: 1996.

BRITO, Teca Alencar. **Música na Educação Infantil, propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003. 204p.

CURTO, Rosa M.; ROCA, Núria. **Arte é... Música, dicas de atividades e orientações complementares**.1 ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2003. 40p.

FONTEERRADA, Marisa Trech de Oliveira. **De tramas e fios, um ensaio sobre música e educação**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Editora Funarte,2008. 364p.

HOWARD, Walter. **A música e a criança**. São Paulo: Editora Summus Editorial, 1984. 120p.

TUGNY, Rosângela Pereira de; QUEIROZ, Ruben Caixeta de (organizadores). **Músicas africanas e indígenas no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 359p.